

Histórias do vestir de Catharina Mina: costurando ideias iniciais sobre as modas de uma mulher africana no Maranhão oitocentista¹

Hanayrá Negreiros

PUC-SP / MASP

1 Este artigo é uma adaptação de minha apresentação realizada no GT Moda, Cultura e Historicidade - histórias e modos de vestir invisíveis e excluídos, dentro do 16º Colóquio de Moda (2021).

Histórias do vestir de Catharina Mina: costurando ideias iniciais sobre as modas de uma mulher africana no Maranhão oitocentista

Resumo

No presente artigo tenho por objetivo fazer “costuras” iniciais sobre os modos de vestir de mulheres africanas na cidade de São Luís do Maranhão, durante o século XIX, com foco na segunda metade do período, partindo da trajetória de Catharina Rosa Ferreira de Jesus, conhecida popularmente na província como Catharina Mina. Mulher e africana, vivenciou escravidão e liberdade em uma vida marcada pela presença do patriarcado, do racismo e da vida em diáspora. O universo da cultura material, inserido no contexto escravista dessa época, assim como as relações de trabalho em cotidianos que envolviam tais mulheres são pano de fundo do artigo. O ponto de partida do estudo foca em uma breve revisão bibliográfica que articula, a partir do método da micro-história e da busca de documentos em fontes primárias (testamentos, inventários e registros iconográficos), as dimensões simbólicas e culturais presentes nas histórias do vestir de mulheres como Catharina, alçando a análise das roupas e dos adornos como instrumento capaz de apontar caminhos para o entendimento da vida africana em diáspora brasileira, tendo São Luís do Maranhão, dois anos antes da abolição da escravatura, como cenário principal.

Palavras-chave: Catharina Mina; Vestimentas de mulheres negras; São Luís do Maranhão; Século XIX.

Las historias del vestir de Catharina Mina: cosiendo las ideas iniciales sobre la moda de una mujer africana en el Maranhão del siglo xix

Resumen

En este artículo pretendo realizar “costuras” iniciales sobre las formas de vestir de las mujeres africanas en la ciudad de São Luís do Maranhão, durante el siglo XIX, centrándome en la segunda mitad del período, a partir de la trayectoria de Catharina Rosa Ferreira de Jesus, conocida popularmente en la provincia como Catharina Mina. Mujer y africana, experimentó la esclavitud y la libertad en una vida marcada por la presencia del patriarcado, el racismo y la vida en la diáspora. El universo de la cultura material, introducido en el contexto esclavista de esa época, así como las relaciones laborales cotidianas que involucraban a estas mujeres, son el trasfondo del artículo. El punto de partida del estudio se centra en una breve revisión bibliográfica que articula, desde el método de la microhistoria y la búsqueda de documentos en fuentes primarias (testamentos, inventarios y registros iconográficos), las dimensiones simbólicas y culturales presentes en los relatos de indumentaria de mujeres como Catharina, planteando el análisis de la ropa y los adornos como un instrumento capaz de señalar formas de entender la vida africana en la diáspora brasileña, con São Luís do Maranhão, dos años antes de la abolición de la esclavitud, como escenario principal.

Palabras clave: Catharina Mina; Indumentaria de mujeres negras; São Luís do Maranhão; Siglo XIX.

Catharina Mina's dress stories: sewing initial ideas about the fashions of an african woman in eighteenth-century Maranhão

Abstract

In this article I aim to do initial “seams” on the ways of dressing of African women in the city of São Luís do Maranhão, during the 19th century, focusing on the second half of the period, starting from the trajectory of Catharina Rosa Ferreira de Jesus, popularly known in the province as Catharina Mina. Woman and African, she experienced slavery and freedom in a life marked by the presence of patriarchy, racism, and life in the diaspora. The universe of material culture, inserted in the slave context of that time, as well as the daily work relationships that involved these women are the background of the article. The starting point of the study focuses on a brief bibliographical review that articulates, from the micro-history method and the search for documents in primary sources (wills, inventories and iconographic records), the symbolic and cultural dimensions present in the stories of clothing of women like Catharina, raising the analysis of clothes and adornments as an instrument capable of pointing out ways to understand African life in the Brazilian diaspora, with São Luís do Maranhão, two years before the abolition of slavery, as the main scenario.

Keywords: Catharina Mina; Black women's garments; São Luís do Maranhão; 19th century.





LUCHA

LUCHA

LUCHA

LUCHA

LUCHA

LUCHA

LUCHA

0130002

O vestir de mulheres negras como argumento: algumas linhas, breves ideias

Investigar histórias de mulheres negras e as suas relações com o vestir no Brasil tem sido um dos meus principais temas de estudo nos últimos anos e é muito interessante perceber um campo que vem sendo tecido e fortalecido por óticas feministas com especial interesse para as trajetórias dessas mulheres. Dedicar o olhar para o estudo de modas e modos de viver de mulheres africanas e afro-brasileiras em diversas temporalidades e localidades se mostra uma ótima oportunidade para a construção de narrativas diversas e plurais que privilegiam histórias que muitas das vezes acabam ficando por “debaixo dos panos”, evocando as muitas trajetórias femininas que urdiram histórias neste país. Rita Morais de Andrade em seu texto intitulado *O vestuário como assunto: um ensaio* (2021) reflete o vestuário como elemento universal da cultura humana, nos apresentando a possibilidade para pensarmos as histórias do vestir, por meio de memórias e imaginários, refletindo sobre a possível naturalização de uma maneira específica de historicizar os vestires com o pé nos modelos eurocêntricos de estudo:

A história do vestir, mais comumente conhecida como história da moda, também este um conceito recente do conhecimento das práticas científicas e acadêmicas, é uma construção baseada naquilo que se conhece dos remanescentes da cultura material e visual e do conhecimento transmitido oralmente por gerações. Portanto, a história do vestuário é uma construção feita de elementos da nossa própria memória e de invenção, do imaginário dos interesses que estão em jogo em determinado período e em determinada circunscrição geopolítica. É possível que tenhamos naturalizado uma forma específica de historicizar os modos de vestir com base no modelo da história da arte eurocêntrica (ANDRADE, 2021, p. 17-18).

Seguindo as linhas propostas por Andrade, ousa a afirmar que aqui no Brasil, pelo menos em um sentido ampliado de estudos, que envolve perspectivas acadêmicas e as de fora da academia, as histórias do vestir que ganham mais visibilidade e possibilidade de pesquisas e divulgação são as brancas, tendo o norte global no que tange os territórios europeus e estadunidense como orientadores para esses estudos. Em minha experiência como pesquisadora e professora independente de moda², tenho acompanhado uma porção de estudantes que cada vez mais buscam por outras narrativas e histórias da e na moda³, vislumbrando nos cursos livres, oportunidades para reflexão sobre o assunto. O que costumo propor em aula, assim como o que quero oferecer neste texto é que pensemos as *negras maneiras de vestir* como argumento, partindo do estudo das roupas e adornos vestidos por pessoas africanas e afro-brasileiras, a fim de poder ampliar as discussões em relação a quais histórias e narrativas de moda podemos estudar e debater. Para tal, serão as histórias do vestir de Catharina Mina, mulher negra e africana, que nos servirão de linhas para essas primeiras costuras.

² Desde 2017 venho lecionando em instituições culturais a exemplo do Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand (MASP), rede SESC e Adalina Instituto, cursos livres que abordam histórias da moda, brasileiras e africanas a partir de olhares e narrativas negras. E não estou sozinha, existem outras pesquisadoras tecendo esse campo. Para citar alguns nomes, temos Wanessa Yano, Cynthia Mariah, Nathália Grilo, Maria do Carmo Paulino dos Santos e Andreza Ferreira, mulheres negras, que assim como eu, se dedicam a pesquisar e ensinar estéticas e modas a partir de outras perspectivas.

³ NEGREIROS, Hanayrá. Por outras histórias da (e na) moda. ELLE Brasil, 2020. Disponível em: <https://elle.com.br/colunistas/por-outras-historias-da-e-na-moda>. Acesso em 03 nov. 2021.

Primeiras costuras: em busca de Catharina Mina

Para quem é de São Luís do Maranhão, o nome de Catharina⁴ Mina é familiar. É comum perguntar pela história dela para os ludovicenses que quase sempre têm algum caso para contar sobre a senhora negra comerciante que nomeia um dos espaços mais conhecidos do centro histórico da cidade, o beco Catarina Mina. Ladeado por antigos casarões e composto por uma escadaria com mais de trinta degraus de pedra de lioz português, o beco é atualmente um dos espaços mais famosos do bairro da Praia Grande e possui estabelecimentos comerciais diversos, entre lojas e restaurantes.

Foi em um desses estabelecimentos, o Catarina Mina Bar & Restaurante, que fica à esquerda de quem sobe o beco de mesmo nome, que eu pude conhecer mais sobre a ilustre dama negra. No começo de 2020, antes de sermos acometidos pela pandemia de COVID-19, fui visitar os meus familiares em São Luís, ocasião que me proporcionou conhecer Maria de Lourdes, uma comerciante que mora e trabalha no beco. Lourdes é proprietária do bar que leva o nome de Catharina e uma das pesquisadoras e entusiastas de sua história. Foi conversando com ela em algumas tardes em seu restaurante que descobri que Catharina Mina fora uma popular comerciante, vendedora de farinha e carne de charque, dona de uma barraca aos pés do beco que leva o seu nome. Um outro fato interessante das histórias que ouvi sobre Catharina é a relação dela com o vestir, muitas vezes lembrada por ser vista trajando roupas elegantes e suntuosas joias pelas ruas da cidade. Tínhamos, ali, uma personalidade local muito lembrada pelas oralidades do povo ludovicense, com destaque especial para o seu vestir e suas habilidades com o comércio.

Atualmente, para quem viaja até São Luís e tem a oportunidade de conhecer o bairro central da Praia Grande, pode facilmente encontrar alguém para lhe contar histórias sobre Catharina. Até hoje vários relatos são contados sobre o bom “faro para o negócio” que ela possuía. Esse tino comercial possibilitou que ela modificasse a vida de ex-escravizada de ganho⁵, lhe proporcionando a experiência de uma mulher forra, detentora de uma verdadeira fortuna, que pode ser conferida em seu testamento e inventário, datados de 1886. Muito curiosa para saber mais sobre essa mulher, ao mesmo tempo misteriosa e famosa, perguntei à Lourdes se ela poderia saber de possíveis documentos que poderiam ter sido deixados por Catharina, ao que ela respondeu que alguma “papelada” poderia estar guardada no Arquivo Público do Estado do Maranhão.

Após alguns dias de pesquisas em acervos documentais da cidade, fui orientada a visitar o Arquivo do Tribunal de Justiça do Maranhão, onde finalmente me deparei não só com um, mas com dois documentos de Catharina: o seu testamento e o seu inventário. E é aqui que este texto encontra as primeiras fontes para início de sua “costura”. Nas primeiras páginas de seu testamento, Catharina se declara “christã, catholica, apostolica romana, de nação Mina e solteira”⁶. A partir dessa informação foi possível identificar Catharina como uma mulher africana

4 Neste artigo, a opção de grafia do nome de Catharina será com th, seguindo a forma encontrada em seus documentos (testamento e inventário). Porém, ao longo do texto, a grafia poderá variar, uma vez que a escrita do nome não é consensual.

5 Pretendo abordar de maneira introdutória, ao longo do texto, a presença das “negras de ganho” e as relações entre trabalho e escravidão presentes nos centros urbanos brasileiros do século XIX.

6 Maranhão. Tribunal de Justiça. Testamento de Catharina Rosa Ferreira de Jesus. Fundo documental da Comarca de São Luís. Arquivo Judiciário Desembargador Milson de Souza Coutinho. Cód. BR_MA_AJ-TJMA.SLS.001.

oriunda da Costa da Mina⁷ em uma sociedade marcada por uma gama de referências raciais atribuídas às pessoas que se encontravam em solo brasileiro.

Catharina Mina: diferentes olhares e interesses por uma mesma mulher

Um dos intuitos deste texto é sugerido já em seu início, mais especificamente no título, com a ideia de “costura” no sentido de também articular outras pesquisas que se debruçaram, a partir de diversos pontos de vista, sobre a história de Catharina. Vale ressaltar que o interesse por histórias de mulheres negras no Brasil escravista⁸ não é uma novidade. Ao longo destes escritos, buscarei trazer para a discussão alguns exemplos de estudos que jogaram luz nas múltiplas experiências negras e femininas que engendraram realidades brasileiras neste país, que foi o último a abolir a escravidão, em um tardio 13 de maio de 1888.

A primeira produção que menciona Catharina da qual tive notícia foi o livro *Três Séculos de Modas* (1923), de autoria de João Affonso do Nascimento⁹. Publicado no início do século XX, o livro reflete, como é sugerido em seu título, trezentos anos de moda, no qual o autor buscou documentar modas e costumes europeus e brasileiros. Com um olhar voltado ao que se entendia por moda a partir de uma influência sobretudo europeia, o autor também deslocou o olhar aos “tipos urbanos”, registrando pessoas e os seus modos de vestir que estavam pelas ruas do Norte e Nordeste do país. A “Preta Mina” desenhada por João Affonso é um desses tipos que, de acordo com o autor, se via pelas ruas de São Luís em meados da década de 1870 e não só documenta o estilo de mulheres negras africanas conhecidas como “mulheres de nação Mina”¹⁰, como também menciona nominalmente Catharina como um expoente de tal vestir. Fernando Hage (2020), ao mencionar os desenhos com traços caricaturais que João Affonso fez de mulheres negras, aponta que a “Preta Mina”, segundo o referido autor, possui traços e elementos semelhantes à mulher negra baiana, muito documentada¹¹ em registros de artistas europeus como a inglesa Maria Graham, o francês Jean Baptiste Debret e o alemão Johann Moritz Rungdas, tal como em fotografias datadas da segunda metade do século XIX, a exemplos de Alberto Henschel, Rodolpho Lindemann e Marc Ferrez. Aqui me refiro diretamente à publicação de Affonso, em um trecho¹² no qual o autor menciona a “Preta Mina”, dizendo que ela desfilava pelas ruas maranhenses ricas rendas, estofos finos e muitas joias de ouro, conforme se observa a seguir, no texto publicado em 1923:

7 Região também chamada por Golfo do Benim, recebe discussões mais aprofundadas em diversas publicações, dentre elas RODRIGUES, Aldair; Lima, Ivana Stolze; FARIAS, Juliana Barreto (Orgs.). *A diáspora Mina: africanos entre o golfo do Benim e o Brasil*. – 1. Ed. Rio de Janeiro: NAU Editora, 2020.

8 Cf. os textos publicados em XAVIER, Giovana; FARIAS, Juliana Barreto; GOMES, Flávio (Orgs.). *Mulheres negras no Brasil escravista e do pós-emancipação*. São Paulo: Selo Negro Edições, 2012, para um maior aprofundamento no tema.

9 João Affonso, como popularmente ficou conhecido foi um artista e intelectual nascido no Maranhão na década de 1850. Para mergulho em sua obra, utilizo a pesquisa de HAGE, Fernando. *Entre palavras, desenhos e modas: um percurso com João Affonso*. Curitiba: Appris, 2020, a quem eu agradeço profundamente por compartilhar seus estudos.

10 A identidade africana Mina no Maranhão será um tópico a ser estudado ao longo de pesquisas futuras. Porém, discussões aprofundadas sobre mulheres de nação Mina no Brasil podem ser encontradas em Faria (2004), Farias (2012) e Graham (2012) e nos servirão de referencial aqui e em outros escritos.

11 Uma significativa documentação iconográfica sobre mulheres negras nos períodos colonial e imperial brasileiros pode ser encontrada em acervos digitais, a exemplo da Biblioteca Nacional e do Instituto Moreira Salles. Com certeza assunto para um outro texto.

12 A grafia original foi preservada.

Chegados ao Maranhão, se ahi já não fôr habitual cruzar nas ruas a “preta mina”, pelo menos haverá quem se recorde de a ter visto, há menos de cinquenta annos, pomposamente adereçada nos dias das grandes festas. A “preta mina” vestia camisa e saia; camisa decotada, de mangas curtas, toda guarnecida de bellissima renda de almofada, quando não era de labyrintho, ou de “candê”; saia de finissimo e alvissimo linho, tendo na beira largo fôlho, também de renda, como de renda é o lencinho que ella cuidadosamente segura na mão direita; e se a saloia portugueza exhibe, no dia do oráculo da sua parochia, o melhor de seus haveres, representados em dices e teteias de ouro, o “ouro” da “preta mina” é muito mais abundante, e mesmo muito mais sólido: na cabeça um par de pentes, e um par de “travessas”, de tartaruga, chapeados de ouro cinzelado: nas orelhas, enormes brincos de ouro, obra do Porto; a começar do pescoço, até ao decote da camisa, não se vê a pelle do collo, occulta sob uma sucessão de enfiadas de contas de ouro em grossos bagos, a ultima das quaes tem dependurado, no centro, um grande crucifixo de ouro massiço, e, por ultimo, em separado, um cordão de fortes élos de ouro, de que pendem, na frente e nas costas, os “bentinhos” ou escapularios, de N. S. do Carmo, ou de N. S. das Mercês, segundo a confraria a que a preta pertencia, e que, enquanto a gente de poucos recursos se contentava em forrar com oleado, para preservar do contacto da transpiração do corpo, ella queria que fossem mettidos entre duas chapas de ouro; nos braços, dois ou tres pares de braceletes, de pulseiras de ouro, de alentada grossura e exquisitos feitos; em cada dedo das duas mãos, dois, tres, quatro anelões de ouro, de variados labores. E com toda esta ostentação de estofos finos, rendas caras e adornos de ouro, a “preta mina” vae descalça. Há de haver, provavelmente, em São Luiz, quem reconheça no typo que assim fica descripto, a abastada capitalista Catharina Mina, negociante de farinha, com armazém á rua do Trapiche, que teve o capricho de casar com um cafuz, para quem arranjou uma patente de alferes da Guarda Nacional (AFFONSO, João, 1923, p. 124-125.).

Além da minuciosa descrição dos modos de vestir da “Preta Mina”, João Affonso refere-se à Catharina como “a abastada capitalista”, informando sobre aspectos de sua vida, a sua situação econômica e religiosidades, ressaltando também costumes e relações que tal mulher teria em sua experiência de vida na diáspora. As joias são elementos do vestir de Catharina que aparecem tanto na descrição e representação de João Affonso, como também no inventário¹³ da própria mulher, que ao morrer deixa para alguns de seus entes “vinte e quatro aneis de diferentes tamanhos e feitos” e “um cordão grosso” entre outros itens de joalheria, tudo em ouro. Vale ressaltar outros detalhes salientados por Affonso do trajar da senhora negra, que se caracterizava pelo uso de tecidos nobres, como o linho e as diversas rendas, utilizados comumente pelas mulheres brancas e ricas da cidade. O uso de muitas joias de ouro também é destacado pelo autor que menciona “dois ou três pares de braceletes, de pulseiras de ouro, de alentada grossura e exquisitos feitos (...)”.

Interessante notar que além dos tecidos finos e joias suntuosas, Affonso menciona e retrata a mulher africana com traços de uma pessoa mais velha e descalça, enquanto a outra mulher negra, chamada de “Crioula do Maranhão”, nascida no Brasil e provavelmente mais jovem e descendente da “Preta Mina”, é apresentada com delicados sapatinhos e roupas consideradas pelo autor mais próximas às modas de mulheres brancas. Cabe aqui uma pergunta: que sociedade maranhense foi essa que possibilitou a existência de Catharina Mina? Matheus Gato de Jesus (2015), em sua pesquisa de doutorado sobre racismo e decadência na sociedade mara-

¹³ Maranhão. Tribunal de Justiça. Inventário de Catharina Rosa Ferreira de Jesus. Fundo documental da Comarca de São Luís. Arquivo Judiciário Desembargador Milson de Souza Coutinho. Cód. BR_MA_AJ-TJMA.SLS.001.

Preta miina Crioula do Maranhão

João Affonso
Ep. do natural
(em 1880)
1916



João Affonso
Ep. do natural
(em 1880)
1916



Figura 1 Ilustração da Preta Miina e da Crioula do Maranhão de João Affonso no livro Três séculos de Modas, Belém, 1923 – página sem numeração.

nhense oitocentista resgata a figura de Catharina a partir da obra de João Affonso ao passo em que reflete a marcante presença de pessoas africanas em São Luís:

Esses africanos deixaram marcas duradouras na memória social de São Luís, na religiosidade popular e mesmo na arquitetura da cidade. Famosa foi Catharina Mina, rica comerciante que estabeleceu seu negócio num imponente sobrado da Praia Grande, ladeando e competindo com os portugueses e os grandes comerciantes da terra (JESUS, 2015, p. 60).

Como mencionado anteriormente, Catharina ascendeu economicamente por conta de sua atuação como comerciante e os seus modos de vestir registrados por artistas como Affonso, ficaram presentes na memória do povo local. De certo, uma mulher rica como Catharina, haveria de se vestir de acordo com a sua posição, utilizando-se também do “bem trajar” para marcar a sua presença na sociedade, buscando superar estigmas sociais e raciais por meio dos “estofos finos e rendas caras”. Aldrin Figueiredo (2012) também apresenta algumas ideias sobre o desenho de João Affonso, indicando que o imaginário da “Preta Mina” permanecia na sociedade maranhense nos primeiros anos republicanos, salientando que histórias não faltavam na recordação das pessoas (FIGUEIREDO, 2012).

Descrições do vestir de mulheres negras no Brasil colonial e imperial podem ser encontradas em outras obras. No polêmico e criticado *Casa Grande & Senzala* (2006), Gilberto Freyre observa o que ele chama de “traje africano” apontando para algumas das visualidades de mulheres negras atuantes no comércio de territórios, como Rio de Janeiro, Recife, Bahia e Minas Gerais:

Na Bahia, no Rio de Janeiro, no Recife, em Minas, o traje africano, de influência maometana, permaneceu longo tempo entre os pretos. Principalmente entre as pretas doceiras; e entre as vendedeiras de aluá. Algumas delas amantes de ricos negociantes portugueses e por eles vestidas de seda e cetim. Cobertas de quimbembeques. De jóias e cordões de ouro. Figas da Guiné contra mau-olhado. Objetos de culto fálico. Fieiras de miçangas. Colares de búzios. Argolões de ouro atravessados nas orelhas. Ainda hoje se encontram pelas ruas da Bahia negras de doce com os seus compridos xales de pano-da-costa. Por cima das muitas saias de baixo, de linho alvo, a saia nobre, adamascadas, de cores vivas. Os peitos gordos, em pé, parecendo querer pular das rendas do cabeção. Têtiás. Figas. Pulseiras. Rodilha ou turbante mulçumano. Chinelinha na ponta do pé. Estrelas marinhas de prata. Braceletes de ouro. (FREYRE, 2006, p. 396).

Abstenho aqui de analisar com profundidade as observações estereotipadas, diga-se de passagem, que Freyre faz sobre as relações amorosas das mulheres negras descritas, procurando evitar por ora de comentar a “análise” do autor sobre as formas físicas dessas mulheres. Busco, no entanto, focar apenas na descrição de alguns dos itens de vestuário e adornos usados por elas, como os tecidos finos, tais quais citados por Affonso a exemplo do linho, sedas e cetins, assim como também as joias feitas em ouro. Um ponto que vale ser ressaltado é que tanto Catharina, como as mulheres negras mencionadas por Freyre são atuantes no comércio de rua. Seria essa uma possível moda vigente entre as mulheres negras comerciantes da época?

Os escritos de Freyre sobre o trajar de mulheres negras se conectam de certa maneira com a segunda produção que rastreei e que se empenha em tratar do imaginário de Catharina. Lenita Estrela de Sá, contista, poetisa e dramaturga negra maranhense também se interessou pela história da comerciante africana e ainda uma jovem escritora conquistou o primeiro lugar no II Concurso de Textos Teatrais Viriato Correa, em 1979, com a peça “Catharina Mina”, poste-

riormente publicada em formato de livro homônimo em 2017¹⁴. Na referida publicação, Lenita constrói a imagem de Catharina como a de uma mulher independente, dona de seu próprio negócio e articuladora de uma complexa rede de relações entre pessoas brancas e negras, escravizadas e livres. Em sua primeira aparição na trama, a personagem principal é descrita como a negra esguia e insinuante da nação africana de Mina. Vestida de babados e blusa decotada, com turbante à moda da África e brincos de ouro (SÁ, 2017, p. 34). Aqui é possível perceber certas representações elaboradas durante os períodos colonial e imperial brasileiros e atribuídas com frequência às mulheres negras. Há uma certa “lascividade” no vestir dessas mulheres: blusas decotadas¹⁵ e o contraste das peles escuras em contato com os alvos linhos são exemplos dessa “sensualidade” fruto de um imaginário que até hoje entende o corpo de mulheres negras como disponível para o outro.

bell hooks¹⁶ em seu livro *Olhares negros: raça e representação* (2019) nos apresenta um instigante ponto de vista sobre como mulheres negras vêm sendo representadas pela mídia cultural e pela História estadunidenses ao longo dos anos, e acredito que aqui cabe uma ligação com discussões feministas no âmbito brasileiro, como as tecidas por Beatriz Nascimento¹⁷ e Lélia Gonzalez¹⁸ entre os finais da década de 1970 e meados de 1980. No capítulo intitulado “Vendendo uma buceta quente: representações da sexualidade da mulher negra no mercado cultural”, hooks pensa sobre imagens do século XX ao passo em que vai relacionando tais representações com os tipos de imagens popularizadas desde a escravidão, chamando a atenção para histórias de mulheres negras que tiveram os seus corpos objetificados e suas presenças reduzidas a meros espetáculos (HOOKS, 2019, p. 131).

Outras pesquisas publicadas recentemente, como a da historiadora Edna Chaves (2021), intitulada *Catharina Mina. Um fio invisível no tecer da história: uma mulher negra e escrava tecendo história no Maranhão na segunda metade do século XIX*, apresenta algumas reflexões acerca de experiências negras e femininas na província do Maranhão do Oitocentos, também com base nos documentos de Catharina. Ressaltando algumas lacunas sobre histórias de mulheres negras no território maranhense, Chaves aponta caminhos para pensarmos em uma historiografia plural que privilegie protagonistas negras, reconstruindo o caminho de Catharina a partir dos espaços da cidade, como o beco que leva o seu nome, alinhavando assuntos como escravidão, política e economia. Iraneide Soares da Silva (2021), apresenta o seu encontro com a nossa personagem principal em seu artigo intitulado *Catharina Rosa Ferreira de Jesus: uma africana mina do séc. XIX na ilha de São Luís do Maranhão/Brasil*. Igualmente apoiada nos documentos de Catharina, a autora apresenta alguns aspectos da vida de mulheres afro-atlânticas, suas redes de sociabilidades, trabalhos e vida em diáspora. Aproveitando o ensejo, cabe aqui a reflexão sobre ser negra e atlântica, pensando travessias e processos de escravidão e

14 SÁ, Lenita Estrela de. *Catharina Mina*. São Luís: 360° Gráfica Editora, 2017.

15 Há, contudo, de se levar em consideração que o uso de um vestir que privilegie decotes e ombros à mostra pode ser atribuído às mulheres africanas de diversas partes do continente, a exemplo de países como Mali, Senegal e Nigéria. Portanto a “lascividade” no vestir de tais mulheres podem ser discutida aqui por um olhar transgressor, de afronta aos olhares brancos e masculinos, algo semelhante ao que Maya Angelou propõe em seu poema “*Still I Rise*” de (1978).

16 A grafia do nome de bell hooks sem começar por letras maiúsculas segue a orientação da própria autora que o preferia dessa maneira. Pseudônimo de Gloria Jean Watkins (uma homenagem à sua bisavó paterna, Bell Blair Hooks), a escritora era estadunidense, nascida em 1952 na cidade de Hopkinsville, Kentucky. Uma referência para os estudos feministas negros, faleceu em 2021 deixando um grande legado.

17 Cf. resenha de Lucilene Reginaldo (2021) sobre os pensamentos e obras de Beatriz Nascimento. Indico a parte na qual a historiadora evoca reflexões de Nascimento, que de maneira crítica, aponta os estereótipos atribuídos às mulheres negras presentes no filme *Xica da Silva* (1976) de Cacá Diegues.

18 Cf. especialmente o texto *A mulher negra no Brasil presente na obra Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos* (2020), organizada por Flavia Rios e Márcia Lima e publicada pela Zahar.

liberdade. E para tal, adiciono a esta costura alguns pensamentos da já referida historiadora negra Beatriz Nascimento em narração do filme *Ôri*¹⁹ (1989), que se conectam com a ideia de memórias e presenças negras em diáspora:

Ó paz infinita, poder fazer elos de ligação numa história fragmentada. África e América e novamente Europa e África. Angola. Jagas. E os povos do Benin de onde veio minha mãe. Eu sou atlântica. (RATTS, 2006, p. 73).

É interessante pensar a relação que mulheres como Catharina poderiam ter estreitado com o mar em si. Nascimento quando fala em ser atlântica evoca a ideia da travessia e das águas que banham os continentes americano e africano e vale refletirmos sobre as mulheres estrangeiras que no Brasil desembarcaram e experimentaram longas viagens pelo mar para aportar em uma terra desconhecida em um contexto nefasto e opressor, como o da escravidão negra e atlântica. Porém, vale pensar também nas religiosidades e cosmologias negras que encontram nas presenças de Kaya e Iemanjá²⁰ a possibilidade de conexão e religação com ancestralidades femininas e com o axé, energia vital negra.

Uma breve biografia de Catharina também aparece mencionada entre as mais de 550 histórias de personalidades negras divididas em 417 verbetes individuais e coletivos apresentados no livro *Enciclopédia negra: biografias afro-brasileiras* (2021), uma organização de Flávio dos Santos Gomes, Jaime Lauriano e Lilia Moritz Schwarcz. No verbete que ocupa duas páginas da publicação, a trajetória da africana é apresentada com especial foco em sua fortuna acumulada e nos direcionamentos que a testadora fez em relação ao seu pecúlio. Afirmando que Catarina Mina soube administrar muito bem suas posses, propriedades e relações, assim como seu legado (GOMES, LAURIANO, SCHWARCZ, 2021, p. 117).

Há, contudo, de se prestar atenção em fatos que aparecem de maneiras díspares nos documentos oficiais de Catharina e na referida publicação: na enciclopédia de 2021, Catharina é mencionada como a mulher que possuía trabalhadores escravizados e que morreu sem dá-lhes a alforria. Porém, uma das características que pude apurar em minhas pesquisas tendo o testamento de Catharina como fonte, é justamente o fato de o documento conter o que se conhece por alforrias testamentárias²¹, concebendo a liberdade para todas as pessoas que trabalhavam para ela sob a condição de escravizadas, o que reitera a necessidade de mais estudos que se dediquem a pesquisar a fundo as complexas histórias e situações experienciadas por Catharina e sua rede de convívio. Sem dúvida, assunto e linhas para pesquisas e costuras futuras.

Histórias, cotidianos e trabalhos de mulheres negras no Brasil oitocentista

Histórias de mulheres negras no Brasil permeado pela escravidão e a suas relações com a vida urbana e com o comércio, sobretudo no que tange os estudos dos séculos XVIII e XIX têm sido investigadas há considerável tempo. Uma das pesquisas que pode servir como orientadora para essa discussão são as investigações feitas por Maria Odila Leite da Silva Dias (1995) em

¹⁹ Documentário dirigido por Raquel Gerber com roteiro e narração de Beatriz Nascimento.

²⁰ Divindades africanas ligadas às águas salgadas, muitas vezes cultuadas nos candomblés de origem angola e iorubá, respectivamente.

²¹ De maneira breve é possível dizer que as alforrias testamentárias foram aquelas concedidas no ato da escritura dos testamentos de pessoas que possuíam trabalhadores cativos, que logo eram consideradas libertas com a feitura do documento.

Quotidiano e Poder em São Paulo no século XIX, no qual a historiadora se interessa em refletir sobre a subjetividade e agência de mulheres no período, resgatando histórias femininas, ao mesmo tempo em que identifica um abismo na historiografia da época quando se trata de falar sobre essas mulheres do Brasil colonial e imperial. O cotidiano e os ofícios exercidos por mulheres de diferentes origens raciais, livres, forras ou escravizadas, na cidade de São Paulo são linha e agulha para se pensar hierarquias de pobreza ditadas pela cor e pelas relações e formas de trabalho tecidas entre tais mulheres.

Para além de uma extensa pesquisa em arquivos, devassas e processos crimes, Dias faz dos estudos iconográficos e dos relatos de viajantes, fontes valiosas para um entendimento mais amplo do assunto. Em uma dessas análises ela ressalta que os viajantes realçavam a vocação de vendedoras das negras minas ou do Daomé, Nigéria, Senegal e Congo. Ainda afirma que na costa ocidental da África o pequeno comércio era prática essencialmente feminina; atravessar e revender gêneros alimentícios de primeira necessidade garantia às mulheres papéis sociais importantes (DIAS, 1995, p. 158). Para muitas mulheres negras africanas e brasileiras moradoras dos centros urbanos do país, o ganho era uma atividade que, dentro do limitado sistema escravista da época, possibilitava o acúmulo de pecúlio, tornando-se, muitas vezes, um caminho para que tais mulheres pudessem comprar as suas alforrias.

Cecília Soares (1996) investigou as relações entre trabalho e escravidão envolvendo mulheres negras na cidade de Salvador no século XIX. A autora salienta o fato de as mulheres que ainda eram escravizadas e exerciam o ofício do ganho, por serem escravizadas, eram obrigadas a dar a seus senhores uma quantia previamente estabelecida, a depender de um contrato informal acertado entre as partes (SOARES, 1996, p. 57). Eram vendedoras de frutas, verduras, quitutes e uma sorte de outros produtos. Um dado relevante sobre as possibilidades de trabalho e liberdade para mulheres negras que viveram nessa época, é pensar que, somente após a promulgação da Lei do Ventre Livre, em 1871, foi facultado às pessoas escravizadas a permissão para juntar pecúlio (Ibid., p. 57).

No ganho das ruas das cidades em expansão e traços de urbanização, a mulher negra acabou por conquistar destacado lugar no mercado de trabalho. Porém, como nos alerta Dias (2013), o caminho até a conquista da liberdade era longo e muitos anos e sacrifícios eram necessários para que uma mulher escravizada conseguisse economizar o suficiente (DIAS, 2013, p.182). Tendo em vista as condições da época, é interessante pensar as possibilidades de mobilidade e circulação que tais mulheres possuíam em suas vidas cotidianas relacionadas ao trabalho. João José Reis (1986), ao abordar cotidiano e trabalho de mulheres negras escravizadas e forras que formavam o grupo identificado por "ganhadeiras" na Bahia, salienta a presença de mulheres negras no comércio urbano:

O pequeno comércio de rua era quase completamente dominado pelas ganhadeiras. Durante a época colonial uma série de leis tentaria em vão reduzir as atividades dessas mulheres. Pouco antes do início do século XIX Vilhena observou, entre preocupado e irritado, que elas praticamente monopolizavam a distribuição de peixes, verduras e até produtos de contrabando (REIS, 1986, p. 199).

Considerando a bibliografia especializada no ofício das mulheres negras comerciantes, a exemplo de Dias (1995, 2013), Soares (1996), Faria (2004) e Farias (2012), é possível encontrar outros exemplos de mulheres que, por meio do trabalho no ganho, puderam experimentar certa ascensão econômica, mesmo que em uma sociedade forjada no preconceito de cor e de gênero. No Rio de Janeiro do século XIX, as negras de nação Mina eram reconhecidas por sua altivez e autonomia. Como "exímias quitadeiras", esquadrihavam as ruas da cidade, mantinham sua

freguesia no movimentado Mercado da Candelária e chegavam mesmo a formar “pequenas fortunas” (FARIAS, 2012, p. 38). Como se observa, tal assunto figura em pesquisas cujos centros são Rio de Janeiro, Bahia, São Paulo e Minas Gerais. O Maranhão, porém, teve Catharina Mina nesse contexto e, por isso, a relevância de deslocar o olhar para além dos territórios já estudados.

Os documentos de Catharina que comprovam o tamanho de sua fortuna são datados de 1886; casos semelhantes a esse podem ser encontrados em outros tempos e territórios brasileiros, como mostram as pesquisas de Eduardo França Paiva (2001, 2009) e Junia Furtado (2003). A partir de pesquisa em documentos *post mortem* e em outros arquivos, encontram-se histórias de mulheres como a da brasileira Bárbara Gomes de Abreu e Lima, natural de Sergipe del Rei, de onde saiu em direção às Minas, ainda escrava²² acompanhada de seu senhor (PAIVA, 2001, p. 49). Bárbara, após se tornar forra, virou dona de uma casa bem situada próxima à Igreja Matriz, na Vila de Sabará, e possuía boa condição de vida, “protagonizando um caso exemplar, parcialmente registrado em seu testamento” (PAIVA, 2001, p. 219).

Sobre o vestir de Bárbara, o autor menciona alguns itens de joalheria e vestuário descritos em seu testamento, como brincos de aljófar, argolinhas de ouro, saias de seda preta e roupas brancas (PAIVA, 2001, p. 221) e aqui especialmente as joias podem ser peças que estreitam ligações com os vestires de Catharina, que em sua documentação apresenta especial destaque para os adornos feitos em ouro. Ainda sobre mulheres negras que ascenderam economicamente em tempos de escravidão, Furtado (2003), no livro *Chica da Silva e o contratador dos diamantes: o outro lado do mito*, revisita a história da famosa senhora negra, nascida no Brasil e ex-escravizada, Francisca da Silva de Oliveira. O que conta a história é que Chica conquistou a sua alforria e mudou de vida quando conheceu o português João Fernandes de Oliveira, inserido nos negócios de diamantes da cidade, tornando-se uma das moradoras mais ilustres e ricas do setecentista e próspero Arraial do Tejuco, atual Diamantina, Minas Gerais.

Interessante notar que as histórias que são contadas sobre as experiências de Catharina muito se assemelham aos modos de viver de outras mulheres negras. Mesmo terminando os seus dias como uma mulher de muitos bens, negócios e um núcleo de convívio composto por mais de 30 pessoas, divididas entre cativos e livres, afilhados, compadres e amigos, a senhora figura até os dias de hoje em parte da memória ludovicense como a “negra escrava que prosperou graças a sua beleza”, casando-se com um homem mestiço. É fato que Catharina foi uma mulher de posses, mas em seu testamento – um dos documentos que servem de base para este artigo – é possível constatar que ela era solteira e “sem herdeiro algum necessário”²³.

O “olhar ao microscópio” e os testamentos e inventários como fontes para o estudo do vestir de mulheres negras no Brasil: desafios e possibilidades

O “olhar ao microscópio” e o método da micro-história, tal como apresentado por Burke (2008) em *O que é História Cultural*, nos possibilita a reflexão sobre experiências concretas, individuais ou locais (BURKE, 2008, p. 48). E a “costura” de conhecimentos dos campos da

²² Em praticamente todo o texto prefiro utilizar as palavras “cativa” ou “escravizada” para me referir à essas mulheres que trabalharam forçadamente, uma escolha política que visa a mudança gradativa de linguagem, salientando que a escravidão fora uma condição imposta de maneira estrutural. A palavra “escrava” aqui é utilizada em consequência da transcrição da citação da obra de Paiva (2001). Esse fato ocorre em outras partes do texto, nas quais as escolhas de grafia das autorias citadas foram preservadas.

²³ Maranhão. Tribunal de Justiça. Testamento de Catharina Rosa Ferreira de Jesus. Fundo documental da Comarca de São Luís. Arquivo Judiciário Desembargador Milson de Souza Coutinho. Cód. BR_MA_AJ-TJMA.SLS.001.

História Social, História Cultural, História da Moda e Cultura Material, alinhavadas a discussões sobre mulheres, raça e classe, parafraseando Angela Davis (2016), se mostram caminhos para compreendermos de maneira plural as experiências vivenciadas por mulheres como Catharina nos centros urbanos do Brasil do final do século XIX.

O *corpus* documental deste artigo se baseia no inventário e no testamento de Catharina, encontrados no Arquivo do Tribunal de Justiça do Maranhão, datados de 1886. O campo de estudos de Moda e História baseados em documentos como inventários e testamentos encontra apoio em discussões como as fomentadas pela historiadora Camila Borges da Silva no artigo intitulado *Os inventários no estudo da indumentária: possibilidades e problemas* (2018), refletindo sobre caminhos possíveis para se estudar indumentária por meio do uso de inventários, levantando algumas questões sobre esse tipo de documentação. A autora afirma que os estudos do vestuário, quando se pautam em textos escritos e não em imagens, têm como fontes mais comuns a imprensa e a literatura. Poucos são os pesquisadores que se debruçam sobre inventários para o entendimento dos padrões indumentários de uma dada sociedade (SILVA, 2018, p. 143).

Em seu texto a autora nos apresenta o uso especialmente dos inventários como fontes de estudos qualitativos, porém advertindo para a necessidade de cuidado na utilização de tal documentação, apontando para os riscos de generalizações, visto que inventários não fornecem informações sobre todas as camadas da população e, sim, normalmente, apenas das mais ricas, já que era um processo caro, que tinha a intenção de transmitir bens (SILVA, 2018, p. 144). Aqui é possível ligar os pensamentos da autora com o caso de Catharina e de algumas outras mulheres negras, africanas e brasileiras que experimentaram a ascensão econômica, cambiando da posição de pessoas escravizadas para mulheres livres e que conquistaram fortunas oriundas de seus negócios e profissões. Há, contudo, de se ter cuidado, como adverte Borges da Silva, para não cairmos nas generalizações já mencionadas que poderiam nos levar à falaciosas ideias de meritocracia e democracia racial visto que mulheres negras alforriadas e ricas no Brasil escravista eram minoria em comparação com as que permaneceram escravizadas e pobres. Porém, elas existiram e em pesquisas como as de Paiva (2009) e Farias (2012) essas mulheres se mostraram pelas brechas da História, tomando esses documentos como possibilidades e espaços de narrativas para contarem não só sobre as suas vidas, mas também para demonstrarem, a partir de caminhos legais, o que haviam conquistado durante a caminhada. Como nos informa Paiva (2009) ao falar da mobilidade social e econômica de mulheres negras na sociedade mineira setecentista um fato importante desses legados materiais é que, em vários casos, eles tornaram-se a base com a qual as ex-escravizadas inseriram-se no universo dos livres (PAIVA, 2009, p. 138).

Como mencionado anteriormente, no inventário e testamento de Catharina constatamos joias, como correntes e brincos de ouro, menção a peças de vestuário e utensílios que foram divididos por entre sua rede de sociabilidade, negra e branca. Essa é uma discussão que merece mais mergulho e tempo para ser desenvolvida, mas eu não poderia deixar de levantar esta questão, já que ao ler os documentos de Catharina, percebi semelhanças com outras tantas histórias de mulheres que a partir desse tipo de documentação, contaram histórias de vida, do vestir e marcaram as suas atuações neste país. Ainda sobre testamentos de mulheres negras, Amanda Gatinho Teixeira (2017) salienta que apesar das adversidades e dos diversos preconceitos que sofriam, os testamentos e inventários mostram que essas mulheres sobrepujaram as barreiras e, mesmo mantendo os estigmas, andavam adornadas de joias e roupas de sedas, chocando e burlando a ordem vigente (TEIXEIRA, 2017, p. 837-838).

Alinhavos finais e costuras futuras²⁴

O intuito deste artigo foi pensar de maneira introdutória as histórias do vestir contidas na trajetória da comerciante africana Catharina Rosa Ferreira de Jesus, moradora da ilha de São Luís do Maranhão durante o Oitocentos. Foi a partir de uma primeira leitura dos seus documentos (testamento e inventário), encontrados no Arquivo Judiciário Desembargador Milson de Souza Coutinho em janeiro de 2020, que pude conhecer mais sobre a história dessa personagem importante e ilustre da cidade. Nas páginas de seus documentos, Catharina vai contando um pouco de suas relações, religiosidades e maneiras de vestir, assim como também utiliza aquele espaço para manifestar suas últimas vontades e orientações para os que ficaram.

A articulação deste artigo também se baseou em pesquisas que de alguma maneira se interessaram pelas histórias de Catharina: sua representação feita por João Affonso (1923) se tornou uma das linhas principais desta costura para lançarmos mão de primeiras ideias sobre o estudo do vestir de tal mulher, assunto que ganhará novas informações e discussões em breve. Produções como as das intelectuais Lenita Estrela de Sá, Edna Chaves e Iraneide Soares da Silva também foram fundamentais para entendermos como a história de Catharina interessa à produção de conhecimento por diferentes perspectivas e campos, com destaque para as áreas de Literatura e História Social. Beatriz Nascimento, Maya Angelou, Lélia Gonzalez e bell hooks aparecem como faróis (negros), nos guiando a uma compreensão feminista sobre travessia, resistências e críticas a uma sociedade que insiste em transformar os corpos, vivências e experiências negras (e femininas) em espetáculo.

Por fim, observa-se com este artigo a oportunidade de contribuir com um campo que se interessa cada vez mais por estudos de Moda que articulem histórias do vestir de mulheres negras, realizando investigações que tenham testamentos, inventários e registros iconográficos como fontes, pautando os desafios e possibilidades que envolvem tal documentação, alinhadas a reflexões sobre gênero e histórias afro-atlânticas, inseridas nos contextos imperial e escravista brasileiros. No caso deste texto, escolho a trajetória de Catharina, assim como algumas de suas histórias, memórias e trajes para elaborar ideias e “costuras” iniciais sobre a possibilidade de compreendermos o estudo sobre o vestir de mulheres negras durante o período imperial brasileiro como enunciador de identidades, território de memórias e agências.

Por meio de estéticas africanas-brasileiras e brechas da História, esses vestires se fazem até os dias atuais maneiras de “desorganizar” aspectos coloniais, insurgindo corpos e vestimentas que historicamente foram e são subalternizados. Ao elaborarmos ideias sobre o vestir de Catharina, uma mulher que rompeu com estruturas racistas em uma sociedade marcada pelas violências da escravidão e do patriarcado, podemos compreender o seu vestir como uma maneira de subverter as amarras coloniais, alçando a roupas e os adornos do corpo a significativos elementos contra hegemônicos. A costura foi iniciada e com certeza em breve mais linhas virão para continuarmos nessa pesquisa.

²⁴ Utilizo aqui a palavra alinhavo a partir dos sentidos conotativo e denotativo a fim de sugerir deixar as ideias apresentadas neste texto abertas para futuras linhas, costuras e novas descobertas sobre o tema em questão.

Referências

- AFFONSO, João. **Três Séculos de Modas**. 1^{ed}. Belém: Livraria Tavares Cardoso & Cia, 1923.
- ANDRADE, Rita Morais de. "O vestuário como assunto: um ensaio". In: ANDRADE, Rita Morais de; CABRAL, Alliny Maia; CALAÇA, Indyanelle Marçal Garcia Di (Orgs.). **Dossiê: o vestuário como assunto**: perspectivas de pesquisa a partir de artefatos e imagens [Ebook]. Goiânia: Cegraf UFG, 2021.
- ANGELOU, Maya. **And still I rise**. New York: Random House, 1978.
- BURKE, Peter. **O que é História Cultural?**. Trad. Sergio Goes de Paula. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora. 2008.
- CHAVES. Edna Maria Carvalho. "Catarina Mina. Um fio invisível no tecer da história: uma mulher negra e escrava tecendo história no Maranhão na segunda metade do século XIX". In: PAZ, José Flávio (org.). **Poéticas do educar**: gênero, poder e ensino remoto. Joinville: Clube de Autores Publicações S/A, 2021.
- DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. Trad. Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo, 2016.
- DIAS, Maria Odila Leite da Silva. **Quotidiano e poder em São Paulo no século XIX**. São Paulo: Brasiliense, 1995.
- _____. "Escravas: resistir e sobreviver". In: PINSKY, Carla Bassanezi, PEDRO, Joana Maria (Orgs.). **Nova História das mulheres no Brasil**. – 1. ed., 1^a reimpressão. – São Paulo: Contexto, 2013.
- FARIA, Sheila de Castro. **Sinhás pretas, damas mercadoras**. As pretas minas nas cidades do Rio de Janeiro e São João Del Rey (1700-1850). Tese de Professor Titular defendida junto ao Departamento de História da UFF, Niterói, 2004.
- FARIAS, Juliana Barreto. De escrava a Dona: a trajetória da africana mina Emília Soares do Patrocínio no Rio de Janeiro do século XIX. In: **Locus: Revista de História**, [S. l.], v. 18, n. 2, 2012. Disponível em: <<https://periodicos.ufjf.br/index.php/locus/article/view/20607>>. Acesso em: 04 set. 2021.
- FIGUEIREDO, Aldrin Moura de. VESTIR A HISTÓRIA: pintura, moda e identidade nacional da Amazônia, c. 1916-1923. In: **Histórica** – Revista Eletrônica do Arquivo Público do Estado de São Paulo, nº 53, abr. 2012. Disponível em: <<http://www.historica.arquivoestado.sp.gov.br/materias/anteriores/edicao53/materia01/>>. Acesso em: 29 out. 2021.
- FREYRE, Gilberto. **Casa Grande & Senzala**: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal. 51^a ed. São Paulo: Global, 2006.
- FURTADO, Júnia Ferreira. **Chica da Silva e o contratador dos diamantes**: o outro lado do mito. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- GOMES, Flávio dos Santos, LAURIANO, Jaime, SCHWARCZ, Lilia Moritz. **Enciclopédia Negra**: biografias afro-brasileiras. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.
- GONZALEZ. Lélia. **Por um feminismo afro-latino-americano**: ensaios, intervenções e diálogos. Organização: Flávia Rios e Márcia Lima. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.
- HAGE, Fernando. **Entre palavras, desenhos e modas**: um percurso com João Affonso. Curitiba: Appris, 2020.

HOOKS, bell. **Olhares negros: raça e representação**. Trad. Stephanie Borges. São Paulo: Elefante, 2019.

JESUS, Matheus Gato de. **Racismo e decadência: sociedade, cultura e intelectuais em São Luís do Maranhão**. São Paulo: USP. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, 2015. Tese de Doutorado em Sociologia. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8132/tde-11052016-130154/pt-br.php>. Acesso em: 25 mar. 2021.

NEGREIROS, Hanayrá. Por outras histórias da (e na) moda. **ELLE Brasil**, 2020. Disponível em: <https://elle.com.br/colunistas/por-outras-historias-da-e-na-moda>. Acesso em 03 nov. 2021.

PAIVA, Eduardo França. **Escravos e libertos nas Minas Gerais do século XVIII: estratégias de resistência através dos testamentos**. 3 ed. São Paulo: Annablume; Belo Horizonte: PPGH-U-FMG, 2009.

_____. **Escravidão e Universo Cultural na Colônia: Minas Gerais, 1716 – 1789**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2001.

RATTS, Alex. **Eu sou Atlântica. Sobre a trajetória de vida de Beatriz Nascimento**. São Paulo, Imprensa Oficial, 2006.

REIS, João José. **Rebelião escrava no Brasil: a história do levante dos Malês**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1986.

REGINALDO, Lucilene. Nossa história é outra como é outra nossa problemática: Beatriz Nascimento por sua obra. **Afro-Ásia**, Salvador, n. 63, 2021. DOI: 10.9771/aa.v0i63.44056. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/afroasia/article/view/44056>. Acesso em: 3 mar. 2022.

RODRIGUES, Aldair; Lima, Ivana Stolze; FARIAS, Juliana Barreto (Orgs.). **A diáspora Mina: africanos entre o golfo do Benim e o Brasil**. – 1. Ed. Rio de Janeiro: NAU Editora, 2020.

SÁ, Lenita Estrela de. **Catarina Mina**. São Luís: 360° Gráfica Editora, 2017.

SILVA, Camila Borges da. Os inventários no estudo da indumentária: possibilidades e problemas. In: **Acervo**. Revista do Arquivo Nacional, v. 31, n. 2, p. 142-160, 31 ago. 2018. Disponível em: < <http://revista.arquivonacional.gov.br/index.php/revistaacervo/article/view/9111>>. Acesso em 20 abr. 2021.

SILVA, Iraneide Soares da. Catharina Rosa Ferreira de Jesus: uma africana mina do séc. XIX na ilha de São Luís do Maranhão/Brasil. In: **Feira Literária Brasil - África de Vitória - ES**, v. 01, n. 04, 2021. Disponível em: < <https://periodicos.ufes.br/flibav/article/view/36607>>. Acesso em: 10 out. 2021.

SOARES, Cecília Moreira. As Ganhadeiras: mulher e resistência negra em Salvador no século XIX. In: **Afro-Ásia**, n. 17, pp. 57-71, 1996. Centro de Estudos Afro-Orientais. Salvador: EUFBA. Disponível em: <<https://portalseer.ufba.br/index.php/afroasia/article/view/20856/13456>>. Acesso em: 23 set. 2021.

TEIXEIRA, Amanda Gatinho. Joalheria de Crioulas: subversão e poder no Brasil colonial. In: **Antiteses**, v. 10, n. 20, p.829-856, jul./dez. 2017. Disponível em: < <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/antiteses/article/view/29572>>. Acesso em: 03 nov. 2021.



XAVIER, Giovana; FARIAS, Juliana Barreto; GOMES, Flávio (Orgs.). **Mulheres negras no Brasil escravista e do pós-emancipação**. São Paulo: Selo Negro Edições, 2012.

Centros de Pesquisa – Arquivos

MARANHÃO. Tribunal de Justiça. Inventário de Catharina Rosa Ferreira de Jesus. Fundo documental da Comarca de São Luís. Arquivo Judiciário Desembargador Milson de Souza Coutinho. Cód. BR_MA_AJ-TJMA.SLS.001.

MARANHÃO. Tribunal de Justiça. Testamento de Catharina Rosa Ferreira de Jesus. Fundo documental da Comarca de São Luís. Arquivo Judiciário Desembargador Milson de Souza Coutinho. Cód. BR_MA_AJ-TJMA.SLS.001.